
O ESCRITOR

JOSÉ CARDOSO PIRES

A FIRMA:

Uma dura experiência da vida — Cardoso Pires foi marítimo, empregado de escritório, tradutor, publicista, jornalista, correspondente e oficial-miliciano —, uma inteligência viva e escrupulosa, uma cultura sólida e uma sensibilidade estranha e solitária fizeram do autor de «Caminheiros» um escritor dos mais autênticos e válidos da moderna geração. «Caminheiros e outros Contos» e «Histórias de Amor» tornaram-o conhecido, discutido e respeitado. «O Anjo Ancorado», obra recentemente editada, após alguns anos de silêncio, conquistou em poucos dias, neste mais ou menos morno ambiente em que vivemos, os favores da discussão e de larga contro-
 Dado o interesse despertado no meio literário e artístico e junto do público impunha-se uma entrevista, onde se falaria do livro e de alguns aspectos da literatura contemporânea. A primeira resposta de José Cardoso Pires sobre o compromisso da literatura entre o presente e o futuro foi:

— Para mim, toda a literatura válida se constrói num hábil e subtil compromisso do presente com o futuro. Assim foi com Gil Vicente e Mendes Pinto, com algumas Correspondências do nosso século XVIII, com Pessoa e Pascoais. Assim não foi com Júlio Dinis, com Florbela e com Júlio Dantas. Trata-se de uma posição de escritor em equilíbrio nas linhas de força mais agudas da sociedade em que vive, e de nada mais. O compromisso é fundamentalmente essa situação de marchar sobre o gume da faca. Nem o verismo sentimental dos populistas, nem o imediatismo de grande número de realistas para os quais a História se desenha numa trajectória de antemão conhecida e sem sobressaltos.

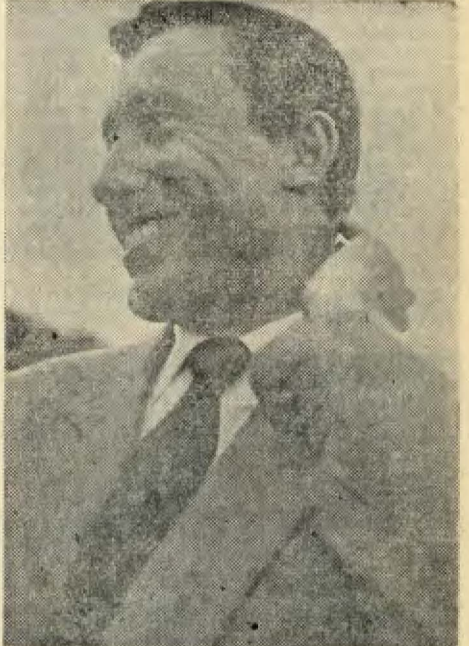
— Mas sabemos que em muitas das grandes obras da literatura fermentavam já os agudos sinais das crises que só anos e anos mais tarde seriam descobertas como fenómenos político-sociais. Essa função detetora de módulo tipicamente individualista, essa capacidade de prever através das osci-

- Não sou revisionista.
- Para mim toda a literatura válida se constrói num hábil e subtil compromisso do presente com o futuro.
- O nosso néo-realismo não tem muito de que se envergonhar.
- É preciso amarmos Brecht.

lações sentimentais de uma época, é que constitui o compromisso do escritor com o futuro ou, por outras palavras, a eternidade da obra de arte.

— Com certeza e temos um exemplo típico: Brecht. Brecht aparece numa altura em que as necessidades elementares do homem estão ainda por resolver, quando a maior parte da população do Globo não tem sequer assegurado o direito à banca e à cama, isto é, ao trabalho e ao repouso, ao pão e ao amor. Apesar disso, a sua posição de claro poeta não se confina aos estreitos limites dessa realidade mais à mão, mais fotográfica, mais estática. Assenta nela, naturalmente. Mas rebusca-a nas arestas mais incisivas. Porque a vive no presente, arrisca-se ao terrível e amaldiçoado tom do panfleto literário sem jamais cair nele — o gume da faca. Mas de verso para verso, de rubrica para rubrica, as suas peças são um desenrolar dinâmico de ângulos que se entrecrocaram, que se anulam e resultam em novos ângulos. Interrogar, como foi sem vício salutar, em alturas históricas de realizações basilares urgentes é coisa incómoda e corajosa. Por isso é que não encontrei na Alemanha a paixão popular por Brecht que esperava encontrar. Porque o país está dividido, porque tem o espectro da guerra dentro dele e premências de industrialização e de consumo médio.

— Mas Brecht tem em quase todo o Mundo a mais respeitosa das audiências.
 — Sem dúvida. Em Londres, por exemplo, já não é assim. A Ópera de Pataco que esteve no «Comedy» foi o sucesso que se viu, apesar da sua acção decorrer na capital (sagrada) do (grandioso) império britânico e no dia (mais que sagrado) da coroação. «Depois de Shakespeare, Bert Brecht», escreveu-se por lá com todas as letras. O tema do Mack the Knife assobiava-se nas ruas, como aconteceu depois do estrondoso festival da Mãe Coragem no «Palace» há dois anos.



— Que mais o impressiona no dia a dia do Homem?
 — A capacidade de resistir.
 Nada mais perguntámos a José Cardoso Pires.
 A entrevista que concedera a «O Seculo de Domingo» era mais um notável depoimento, atestando o seu valor de escritor e a sua probidade de homem.

J. C. A.

BRECHT TEM UM LUGAR ÚNICO ENTRE OS GRANDES CRIADORES DOS DOIS ÚLTIMOS SÉCULOS

Após breve pausa, prossegue:
 — Isto significa, a meu ver, duas coisas: que as condições sociais são de uma transcendente importância para a aceitação da obra de arte e que a lúcida responsabilidade do homem que escreve sobrepõe-no a esse condicionamento para que melhor possa interpretar esse momento e esse condicionamento.

Sei de sobejo, como disse, os riscos desta posição. Em vista dos graves perigos que cercam o mundo de hoje, o pavor da abstracção das realidades é tal e tão sinceramente sentido que, por via da regra, se considera insólito levantar problemas que não estejam imediatamente ligados à situação contemporânea, ou que nela não tenham pronta resposta.

É uma urgência compreensível que tem o mérito de se opor às imagens parceladas e esotéricas do homem de uma época mas que, em contrapartida, tem o grave inconveniente de coarctar a perspectiva dinâmica do escritor. Por um lado oposição à literatura do homem sem coordenadas colectivas; por outro, perigo grave de facilitar terreno ao praticismo e às confortáveis soluções romanescas de tipo mecanicista.

Pois em Brecht, poeta do estilo exacto, o desequilíbrio foi vencido. Todo ele é um ciclópico engenho de levantar problemas, com a consciência de que não há problemas eternos. Toda a sua arte vive do tal compromisso a que me referi, o compromisso entre o presente e o futuro, entre a pergunta e a resposta. E poucos perguntaram tanto e tão bem como ele.

Conheço da obra de Brecht o que está publicado em Inglês e em francês e assisti a três das suas peças. Mas isto basta-me para poder sentir o seu lugar único entre os grandes criadores dos dois últimos séculos e da importância da sua estética na renovação da literatura. Passarão talvez algumas décadas para que a sua lição seja devidamente assimilada, de tal modo ele é funcionalmente agudo e absorvente na exposição dinâmica dos seus casos».

Tive a prova disso quando vi representar o Senhor Puntilla no palco e quando assisti à mesma peça na versão cinematográfica (aliás escrupulosíssima) que o brasileiro Cavalcanti realizou na Alemanha. O êxito no teatro foi estrondoso; no cinema o público mostrava-se desorientado. Porquê? Porque o frequentador das salas de cinema, habituado ao ritmo dos 33 mm, a uma acção regular e sem sobressaltos intelectuais, não conseguiu o jogo das sucessivas perguntas-respostas dos heróis de Brecht, coisa que o frequentador de teatro (arte de contacto mais pessoal e mais directo) conseguiu perfeitamente, sincronizando-se com a cadência torturada dos actores e deles mesmos, espectadores.

Stendhal dizia que cinquenta anos depois de ter publicado os livros talvez alguém pudesse reconhecer-lhe algum interesse. Brecht, que viveu uma época de Metternichs mil vezes mais poderosos, teria dito o mesmo se não dispusesse, como dispunha, de tão aguda percepção da escala da História, do ritmo e da lição da História. A verdade é que o Mundo caminha entre crises salutares e já não foram precisos nem cinquenta, nem vinte, nem dez anos para reconhecer o pesado encargo e o valioso exemplo das mil perguntas levantadas para o futuro pelo cidadão Brecht do seu palco do Berliner Ensemble.

«NÃO SEI O QUE É REVISIONISMO»

Após José Cardoso Pires ter feito a sua magnífica dissertação sobre essa grande figura que foi Brecht, a nossa entrevista prosseguiu da seguinte forma:

- Saiba que várias pessoas chamaram ao seu último livro «revisionista»?
- Sei. Todavia não sei o que é revisionismo, nem me interessa.
- Qual é a sua concepção de «herói»?
- É um ser comum colocado em circunstâncias de exemplo quer no que respeita às virtudes, quer no que respeita aos defeitos.
- Qual a figura de «herói» que mais admira?
- Mendes Pinto — herói.

A seguir fala-se do néo-realismo, ultimamente tão acerbamente atacado. O autor de «O Anjo Ancorado» afirma:

— Penso que o neo-realismo está a emancipar-se e a tornar-se nacional, verdadeiramente nacional, na medida em que se despiu do preconceito formal de se escusar a considerar a realidade portuguesa nas suas múltiplas facetas e logo na sua mais poliédrica realidade. O neo-realismo não tem muito de que se envergonhar. A demagogia, que então houve, persiste nalguns casos, mas isso são casos menores.